

ECOPEDAGOGIA COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

André Barreto Sandes¹

Resumo

Nas últimas décadas a sociedade passou por profundas transformações que desencadearam uma crise profunda e generalizada que repercute direta ou indiretamente na vida de todos. Diante desse contexto é importante realizar uma leitura crítica do cenário contemporâneo, avaliar as propostas pedagógicas em curso e sua contribuição para o resgate dos valores morais sufocados pelo modelo de desenvolvimento vigente. É nesse contexto que se pensa a Ecopedagogia, como alternativa promissora para o desenvolvimento do compromisso ético e a dimensão do cuidado, necessário para uma mudança de mentalidade em relação ao ser humano, seus semelhantes e toda a biodiversidade. Sem a pretensão de “estender conhecimento” nem, tão pouco, de esgotar o tema proposto, o presente trabalho tem como objetivo principal provocar uma reflexão e uma discussão a respeito da Ecopedagogia como proposta de Educação Ambiental formal para as séries iniciais do Ensino Fundamental I. Estimulando pesquisas e práticas inovadoras capazes de contemplar essa dimensão é um passo importante para a formação de uma geração mais consciente e comprometida com a questão sócio ambiental.

Palavras-chave: Escola. Educação Ambiental. Ecopedagogia.

Introdução

A prática pedagógica contemporânea é resultante de um longo processo histórico que, por sua vez, está diretamente relacionada com a história evolutiva da humanidade, ao modo como os homens se relacionavam entre si, com espaço que estavam inseridos e à forma como transmitiam para as futuras gerações sua cultura.

A Pedagogia, como a concebemos atualmente, como ciência que se dedica a estudar os processos educacionais, suas múltiplas e complexas relações e repercussões na sociedade, somente se consolida recentemente, a partir da contribuição de muitos pesquisadores que se dedicaram a pensar a educação em seu contexto sociocultural.

Dessa forma, a Pedagogia tem uma estreita relação com outras áreas do conhecimento, formando uma teia que contribui para o processo permanente de formação do educador, de modo que o torne capaz de enxergar a realidade com mais profundidade e, também, atuar com mais segurança, equilíbrio e responsabilidade nos espaços educativos.

Realizar uma leitura crítica do projeto pedagógico em curso, avaliar os resultados alcançados, verificar se atendem às expectativas contemporâneas, bem como realizar pesquisa em escala local deve fazer parte do cotidiano dos profissionais em

¹ André B. Sandes: Educador, Licenciado em Geografia (UNEB), Especialista em Educação Ambiental para Sustentabilidade (UEFS) e Gestão Educacional (FAZAG), Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância e Juventude (EST), Doutorando em Educação (UCSF), Professor Regente pela SEC (Secretaria estadual de educação) Bahia - Laje e FACE (Faculdade de Ciências Educacionais) escritor de livros Infantis. Contato: absandes@hotmail.com.

educação. Caso contrário, estarão contribuindo apenas para reforçar o modelo econômico vigente, que utiliza métodos insustentáveis de apropriação dos recursos naturais e de manipulação das massas para atender às exigências do mercado capitalista, que cria uma geração de fantoches, cujo senso crítico é pouco desenvolvido.

A escola quando compreendida como “berçário da sociedade”, onde o cidadão é despertado, onde se adquire valores morais que servirão por toda sua vida, se desenvolvem potencialidades, se apropria e constrói conhecimento, pode ser um espaço privilegiado de debate sobre esse projeto insustentável que estimula a competitividade inconsequente gerando, por sua vez, problemas socioambientais profundos e, em alguns casos, irreversíveis.

Para trabalhar com educação é importante estar ciente dessa complexidade e dos desafios que a profissão exige e atualmente, mais que nenhum outro período da história, se faz necessário uma reorganização das nossas escalas de valores e um compromisso ético, necessário para cuidar do patrimônio biológico que se encontra ameaçado.

Para tanto, é importante reconhecer que essa tarefa extrapola o universo da educação formal, envolvendo uma dimensão política, ou seja, os interesses divergentes entre aqueles que têm maior poder de decisão. Portanto, não se pode discutir essas questões de forma acrítica e ingênua, nem tampouco desconsiderar as pequenas iniciativas, muitas vezes, anônimas e em escala local, que contribuem na difícil tarefa de sensibilizar a sociedade para questões de interesse coletivo.

A infância, sem dúvida é a fase em que as pessoas se encontram mais sensíveis a desenvolver um compromisso ético com os resultados de suas ações na sociedade e no meio em que estão inseridos, assim como o sentimento de cuidado necessário para uma mudança de mentalidade em relação aos seus semelhantes e a toda a biodiversidade.

É nesse contexto que se pensa a Ecopedagogia, como alternativa promissora para resgatar na sociedade contemporânea os valores morais sufocados pelo modelo de desenvolvimento vigente, que submete tudo e todos aos interesses do capital. Desse modo, é importante que os futuros Pedagogos e Educadores tenham na matriz curricular de suas graduações, disciplinas que lhes tornem capazes de construir uma fundamentação teórica, que proporcionem discussões profundas a respeito das questões ambientais, associada evidentemente ao conhecimento das ideias pedagógicas e à história das personalidades que contribuíram, na teoria e/ou na prática para o desenvolvimento da educação.

Através de uma pesquisa bibliográfica, esse trabalho tem como objetivo principal socializar os conhecimentos adquiridos no curso de Licenciatura em Pedagogia, contribuir para uma reflexão a respeito da importância da Ecopedagogia para o Desenvolvimento Sustentável, bem como disponibilizar os resultados para servir de reflexão, debate e incentivo a propostas de cunho socioambiental.

Reconhecer a interdependência entre os elementos que compõem a biosfera e refletir com crianças as consequências dos impactos provocados nas últimas décadas é, sem dúvida, um passo importante para formação de adultos capazes de observar, pensar, criticar, sugerir, participar, cobrar direitos... Enfim, agir como protagonista na sociedade e construir o alicerce que sustentará um modelo de desenvolvimento menos insustentável.

A sociedade contemporânea e os desafios da Educação Ambiental

Muitos são os problemas contemporâneos e para amenizar suas consequências é importante realizar uma análise integrada, para se dar conta de que estamos imersos em uma crise profunda e generalizada, que repercute direta ou indiretamente na vida de todos.

O crescimento urbano, demográfico e industrial, associado ao consumismo inconsequente estimulado pela mídia, fez aumentar consideravelmente os impactos no ambiente natural e social em todas as escalas. Esses problemas tomam proporções ainda maiores nos países periféricos que foram empobrecidos ao longo da história pelas potências centrais, cujo apetite desencadeou profundas cicatrizes que jamais serão esquecidas.

O crescimento da malha urbana de forma espontânea e caótica, sem a infraestrutura necessária, fez desencadear significativas alterações no cenário das cidades. Dessa forma, a poluição atmosférica e sonora, o risco de acidentes, o aumento da criminalidade, violência, desemprego, pobreza, exclusão social, o estresse e o medo fazem parte do cotidiano das pessoas, e essa deterioração na qualidade de vida somada a crise de valores existenciais, socioculturais, espirituais e ecológicos, tem inquietado muitos pesquisadores.

No campo, a realidade não é muito diferente, as desigualdades sociais e a deterioração de ecossistemas que sustentaram comunidades por gerações foram progressivamente incorporadas ao sistema de produção capitalista, o que por sua vez

desencadeou uma grande “*hemorragia demográfica*” que dificulta uma melhora substancial no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) global.

É nesse contexto que a Educação Ambiental se apresenta com o propósito de contribuir para o processo de tomada de consciência coletiva rumo a uma mudança de paradigma, ou seja, de postura, comportamento e práticas, que por sua vez, está diretamente associada ao processo de formação do cidadão, tornando-o capaz de agir como protagonista no espaço em que está inserido.

Entende-se nessa trabalho por Educação Ambiental (EA) é o conjunto de ações educativas voltadas para a compreensão das relações existentes entre o meio físico (abiótico) e o biológico (biótico), incluindo a sociedade humana, sua história, cultura, economia, política e relações entre os indivíduos e o espaço em que vivem. Isso numa perspectiva holística, objetivando o conhecer, o sensibilizar, o respeitar e o atuar em prol de um ambiente mais saudável e de uma melhor qualidade de vida para todos (SANDES, 2003, p. 25).

Parafraseando Paulo Freire “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 59). Portanto é através de uma educação emancipadora que o exercício da cidadania se ampliará para uma esfera global, contribuindo no processo de formação de pessoas capazes de se perceberem como cidadãos do mundo.

Para tanto, a Educação Ambiental deve acontecer de forma crítica e democrática, considerando as questões políticas e sociais envolvidas e, por sua vez, fundamentada na Pedagogia histórico-crítica e Pedagogia Libertária que consideram a educação como instrumento de emancipação.

Ao se referir a Pedagogia Libertária, LOREIRO relembra a crítica de Paulo Freire em relação a educação bancária.

Estabelecer a Educação ambiental sob premissas ‘bancárias’ é favorecer uma educação tecnocrática e conservadora, que serve para ajustar condutas e adaptar aqueles que estão ‘fora da norma’ a aceitarem a sociedade tal como ela é, procurando fazer com que os social e economicamente excluídos vivam melhor sem problematizar a realidade, ou seja, uma educação que procura ‘transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime’ (Freire, 1987: 60) – o famoso mudar para manter do jeito que está. (LOUREIRO, 2004, p. 27).

É importante destacar também que, nas últimas décadas, foram realizados inúmeros encontros, congressos, seminários e conferências para discutir questões

relacionadas à questão ambiental e social. Nesses encontros começaram a surgir diversos conceitos para definir a Educação Ambiental. Na Conferência de Tbilisi (1977), por exemplo, foram definidos seus objetivos e princípios, fazendo parte desse processo a capacitação dos indivíduos para o pleno exercício da cidadania e desenvolvimento de uma consciência crítica a nível planetário sem perder a ótica local, regional e nacional.

Essa repercussão desencadeou uma grande inquietação internacional e fortes críticas à sociedade tecnológica industrial, propondo a Educação Ambiental como uma alternativa promissora e necessária para resgatar na sociedade contemporânea os valores morais sufocados pelo modelo de desenvolvimento vigente e insustentável em todos os sentidos.

Ecopedagogia: Conceitos, desafios e perspectivas

Para compreender o conceito de Ecopedagogia é importante analisar primeiramente as palavras e os sentidos dos conceitos que a originou que são Pedagogia e Ecologia.

Historicamente da palavra *Pedagogia* surge na Grécia Antiga, relacionada ao escravo encarregado em conduzir a criança nobre ao encontro do Mestre responsável por sua instrução. Evidentemente, a criança, que é curiosa por natureza, fazia muitas observações e indagações, em um diálogo permanente consigo mesmo, com as imagens, objetos do seu cotidiano e com o próprio escravo com quem dialogava, influenciava e recebia influência, uma vez que o processo educativo acontece em diferentes contextos. Quantas observações e descobertas eram realizadas durante esse percurso?

Desse período até a atualidade, muita coisa mudou e as discussões em relação ao conceito de Pedagogia se ampliou. Para Santoro, por exemplo, o conceito de Pedagogia ainda provoca calorosas discussões:

A princípio, essa questão de considerar a pedagogia, ora como ciência da educação ora como ciência e arte concomitantemente, ora ainda como ciência da arte educativa, parece uma questão de menor importância. Mas não é tão simples assim. Tenho a convicção de que se essa triplicidade conceitual, nem sempre bem articulada historicamente, carrega as indefinições do campo de conhecimento dessa ciência, desde a sua origem do termo, até a estruturação de seu campo científico. (SANTORO, 2003, p. 20).

Sem pretender polemizar e aprofundar nesse trabalho questões conceituais específicas desse área do conhecimento, focaremos na relação direta entre a Pedagogia e

a construção e apropriação do saber, que conduz ao conhecimento. Sócrates o fazia muito bem quando provocava seu discípulo a pensar o mundo que o cercava conduzindo-o a *Paidéia*.

Recorrendo ainda a Santoro,

[...] o essencial para a pedagogia é a finalidade educativa (...) o objeto da pedagogia é o homem em formação, portanto um objeto complexo que requer do pedagogo uma formação diferenciada, para saber buscar, sem se perder em seu objeto, elementos auxiliares, em ciências pedagógicas. (SANTORO, 2003, p.22).

O segundo conceito associado à Ecopedagogia é Ecologia, que por sua vez, está relacionada ao estudo das relações entre os elementos bióticos e abióticos, que interagem em um sistema complexo de interdependência.

A ecologia – palavra proveniente do grego oikos (“Lar”) – é o estudo do Lar Terra. Mais precisamente, é o estudo das relações que interligam todos os membros do Lar Terra (CAPRA, 1996, p. 43).

Aprofundando o conceito de Ecologia, Capra reforça:

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como umacoleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo ‘ecologia’ for empregado num sentido muito mais amplo e profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos (CAPRA, 1996, p. 25).

Portanto, Ecopedagogia é uma proposta pedagógica que tem um forte compromisso com o despertar da consciência crítica em relação à questão social e ambiental e com o cuidado com tudo que existe e vive nesse Planeta.

Em relação a origem desse conceito Pereira lembra que o mesmo foi,

Criado por Francisco Gutiérrez, na década de noventa, então diretor do Instituto Paulo Freire e presidente do Instituto Latino-Americano de Pedagogia da Comunicação (ILPEC) em San José na Costa Rica, o termo *Ecopedagogia*, está relacionado à questão ambiental e a prática pedagógica, como a *pedagogia que promove a aprendizagem* e nasceu da preocupação com o sentido da vida cotidiana, a necessidade de uma *ecoformação* em nossa sociedade, ou seja, defende a necessidade em estabelecer um equilíbrio dinâmico e harmônico entre o ser humano e o meio ambiente (PEREIRA, 2007, p. 2038 -2839).

Segundo Gadotti (2000, p. 80) para minimizar e até recuperar os impactos ambientais se faz necessário uma ação pedagógica efetiva que tenha um caráter político

e social. Para esse autor a Ecopedagogia está atrelada ao movimento histórico-social, “fundamentada na ética, numa visão política do ser humano, numa visão sustentável da educação e da sociedade” (GADOTTI, 1999, p.183).

Nesse sentido, percebe-se o caráter político da Ecopedagogia. É importante destacar que não se trata apenas de achar “bonitinho os bichos e as plantas, não jogar papel fora da lixeira, economizar água, plantar um pé de alface no quintal de casa ou na escola, entre outras questões que ajudam, porém são insuficientes para realizar uma mudança significativa”.

Trabalhar com Ecopedagogia é um processo muito mais complexo porque, primeiramente, deve-se reconhecer que envolve questões sociais, de relação de poder e dinheiro e múltiplos interesses que quase sempre privilegiam o econômico e o pessoal em detrimento do ambiental e do coletivo.

Gutiérrez e Rojas contribuíram substancialmente para o despertar dessa questão ao escreverem, em 1997, o livro “*Ecopedagogia e cidadania planetária*” onde abordaram o conceito de Ecopedagogia e seus objetivos. Outro livro que é importante mencionar é “*Pedagogia da Terra*” de Moacir Gadotti, publicado em 2000, onde aborda a Ecopedagogia, destacando sua abrangência e importância para uma tomada de consciência coletiva.

Outro documento relevante que trata dessa temática é a *Carta da Terra, Carta da Ecopedagogia* redigida no Instituto Paulo Freire que aborda suas características e traz os preceitos e fundamentos que estão relacionados com essa temática, propondo um código de ética planetário e sustentabilidade aos habitantes da Terra.

Dessa forma, como foi demonstrado, o conceito de Ecopedagogia se desenvolveu com a perspectiva de contribuir para uma tomada de consciência a nível global, tendo na Educação Ambiental seus pressupostos e na prática da interdisciplinaridade sua ferramenta de mediação pedagógica.

Como princípios da Ecopedagogia Gadotti traz:

I - O planeta como uma única comunidade. II – A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução. III – Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, faz sentido para a nossa existência. IV – A ternura para com essa casa. Nosso endereço é a Terra. V – A justiça sociocósmica: a Terra é um grande pobre, o maior de todos os pobres. VI – Uma pedagogia biófila (que promove a vida): envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se, entusiasmar-se. VII – Uma concepção do conhecimento que admite só ser integral quando compartilhado. VIII

– O caminhar com sentido (vida cotidiana). IX – Uma racionalidade intuitiva e comunicativa: afetiva, não instrumental. X – Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração. XI – Cultura da sustentabilidade: ecoformação. Ampliar nosso ponto de vista. (GADOTTI, 1999, p. 176)

Como demonstra muito bem Gadotti, esse conceito traz uma nova concepção antropológica e teleológica que, por sua vez, exige um olhar filosófico e metodológico que transcenda a mera decodificação de conteúdos.

Pedagogicamente, pode-se afirmar que a Ecopedagogia se opõe às práticas educativas tradicionais, que sobrevivem ainda hoje num panorama que demanda uma nova postura da escola em relação às suas práticas, pois a sociedade passa pela mudança extrema de paradigmas, a *era das incertezas*, a escola do futuro é aquela que parte de uma visão reducionista para uma análise holística, que pensa o todo, sem desconsiderar as partes (PEREIRA, 2007, p. 2845).

São grandes os desafios a serem superados pela sociedade contemporânea, muitos deles exigem mudanças no modelo de desenvolvimento capitalista adotado e no padrão de consumo estimulado pelos meios de comunicação de massa, no controle populacional que atinge níveis alarmantes nos países subdesenvolvidos, na distribuição de renda e oportunidades em todo o globo e na melhoria dos indicadores de desenvolvimento humano.

Seria ingenuidade acreditar que somente a Ecopedagogia daria conta de resolver todos os problemas da humanidade ou que os pedagogos/educadores sejam capazes de conscientizar os estudantes e futuros profissionais. No entanto, não podemos desconsiderar sua grande contribuição para o despertar de uma sociedade mais comprometida e responsável com suas ações no mundo, que começa da base, na Educação Infantil e Fundamental I, que ajuda a família na difícil tarefa de educar.

Embora não tenha a visibilidade que mereça, a mudança começou e está se ampliando em Escolas que tem compromisso com a formação humana dos estudantes e com o futuro do Planeta. A perspectiva é de se ampliar para consolidação de uma sociedade sustentável (ou menos insustentável), única capaz de garantir a sobrevivência da espécie humana e manutenção do patrimônio natural, fruto de um processo evolutivo milenar e que necessita cuidados.

Escola: epicentro da mudança de paradigma

A escola é um dos espaços mais nobres que a humanidade conseguiu produzir em toda sua história, onde o cidadão é despertado, participa da vida social, interage através de diversas linguagens, adquire valores morais, desenvolve potencialidades,

apropria-se e constrói conhecimento e, sobretudo, é o lugar em que se começa a perceber que o espaço geográfico e a história são construídos gradativamente, através do trabalho cotidiano.

No atual momento histórico cabe o questionamento sobre qual a contribuição da Escola e do currículo oferecido, bem como as metodologias e métodos adotados para formação dos estudantes. A quem interessa esse modelo adotado? Quais são os resultados alcançados? Atende ou não as novas demandas socioambientais em que estamos envolvidos? Essas são questões importantes de serem levadas em consideração quando alguém se predispõe a trabalhar com educação.

Todos sabem, a educação não é neutra, atende a interesses específicos e as Escolas tanto podem ser instrumentos de alienação quanto de emancipação, dependendo da equipe e do compromisso ético que os envolvidos nesse processo têm com os estudantes que estão sobre suas responsabilidades. Por esse motivo deve trabalhar em sintonia com a família, bem como com toda a sociedade.

Quando percebida como o berçário dos profissionais que, no futuro, trabalharão em diversos segmentos, a Escola passa a ser encarada como co-responsável pelo complexo processo de educação, criando as condições ideais para o desenvolvimento de valores e virtudes indispensáveis para mudar o destino da humanidade e salvaguardar a biodiversidade do planeta Terra.

Não se trata, evidentemente, apenas de algumas intervenções pedagógicas, e, sim, comprometer-se, junto com a criança, na construção de um mundo em comum. Isto requer a capacidade de tomar a sério e em consideração outra característica de ser da criança, a de construir a realidade, e de poder considerar e examinar a própria compreensão da realidade do ponto de vista dela. (PEUKERT, 1996, p. 101-102)

Sem dúvida, o maior desafio da sociedade contemporânea é transcender essa crise profunda, proveniente do estrangulamento dos valores morais, e contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva. Nesse processo, as crianças devem estar incluídas ativamente, uma vez que elas serão os adultos do futuro.

Uma Escola que adota como proposta pedagógica a Ecopedagogia está ciente de sua missão e contribui significativamente para uma nova forma de ser e estar no planeta, fazendo dos encontros diários um espaço privilegiado de apropriação e construção do conhecimento, desenvolvimento de potencialidades, socialização e convivência, de reflexão sobre o sentido da vida e as consequências de nossas ações no mundo.

O cuidado da Escola para com seus estudantes passa a se ampliar do âmbito individual para o âmbito coletivo e da escala local para a escala planetária. Para Boff (2002, p. 33), cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Nessa “co-existência e com-vivência”, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade (2002, p. 92). Assim, vai se formando enquanto ser pensante.

A grande dificuldade é fazer com que aqueles que tem suas necessidades asseguradas e acesso ao supérfluo saia da “zona de conforto” e enxergue a realidade com mais profundidade, que reconheça os efeitos catastróficos do egoísmo, bem como a vulnerabilidade de alguns ecossistemas e os impactos socioambientais desencadeado por suas ações.

Sabemos que uma sociedade que não cuida de suas crianças e jovens (todas elas e não apenas uma minoria privilegiada) está condenada ao fracasso (SANDES, 2008, p. 13). Para tanto, a Escola pode ser sem dúvida o epicentro dessa mudança de paradigma em relação aos impactos ambientais, às desigualdade e às injustiças atuais.

Ecopedagogia para sustentabilidade

Pensar a educação de maneira crítica, com fundamentos teóricos e sugerindo elementos que facilitem a aprendizagem nesse atual contexto sócio ambiental, faz parte da atividade do pedagogo.

Sem dúvida, construir um mundo menos injusto em todos os sentidos, requer um novo olhar para a sociedade, para o ambiente e para os processos educativos, especialmente para as crianças que se encontram no período mais propício a aprender os valores fundamentais que sejamos capazes de viabilizar um projeto de sustentabilidade.

Ampliando as discussões em torno dessas questões, vale destacar três pontos fundamentais que distingue a Ecopedagogia das propostas pedagógicas convencionais: 1. A concepção antropológica, que norteará as demais e se refere ao perfil e a concepção de ser humano que se pretende ajudar a construir; 2. A concepção teleológica que está relacionada com a finalidade da educação, com deve ser e quais os ideais a alcançar; 3. A concepção Metodológica que se refere aos procedimentos para que a educação aconteça.

Concepção Antropológica

Adotar a Ecopedagogia como proposta pedagógica requer dos educadores uma concepção bem definida do que se entende por homem, uma vez que é esse conceito que vai determinar todo processo educativo.

É importante conceber o ser humano em sua complexidade, como ser racional e emocional, capaz de pensar e participar ativamente do processo de aquisição e construção de conhecimento. Um ser que, apesar de ter os sentidos limitados, possui um cérebro altamente desenvolvido e a capacidade de pensar, criar e construir coisas incríveis.

A educação tradicional além de fragmentar o conhecimento, tenta padronizar, homogeneizar os estudantes e enquadrá-los nos modelos pré-estabelecidos, tendo como objetivo final “formar a pessoa”, por numa forma, engessa-la de acordo com os padrões exigidos pelo sistema da época, que muda conforme os interesses de uma elite dominante que não quer perder seus privilégios.

Esse modelo tradicional privilegia o coeficiente de aprendizagem (QI), a memória e a inteligência lógico-matemática e linguística. Todos aqueles que não se enquadram nesse perfil de homem estão condenados à negligência e à exclusão.

A sociedade mudou e a educação não pode permanecer a mesma. Portanto, para Ecopedagogia o homem, é um ser inacabado (parafraseando Paulo Freire), capaz de evoluir, de superar suas limitações, de interagir com seus semelhantes e com as demais espécies da biosfera, capaz de aprender a respeitar as diferenças e contribuir efetivamente na construção de um mundo melhor para todos.

Obviamente esses valores vão sendo adquiridos durante seu amadurecimento intelectual e moral, sendo que a família, a sociedade, a Escola e o Estado devem assegurar as condições estruturais e psicológicas necessárias para que aconteça esse desenvolvimento integral. A negligência de um desses pilares sobrecarrega os demais e dificultam o andamento do processo educativo, em contrapartida, os exemplos, as referências e o acompanhamento cuidadoso das crianças pelos adultos as tornam seguras, confiantes e capazes de conquistar a autonomia fundamental para viver em uma sociedade complexa e dinâmica com a nossa.

Numa análise preliminar esse ideal parece ser utópico e impossível de se atingir, mas a utopia, segundo Leonardo Boff “é que mobiliza movimentos, cria ideologias e alimenta o imaginário dos seres humanos que não se cansam de sonhar com um futuro reconciliado e integrado da sociedade humana” (BOFF, 2002, p. 65).

Dessa forma, são os sonhos e as práticas cotidianas de muitos educadores que estão, ainda que lentamente, construindo o alicerce que dará corpo a uma educação mais comprometida com as questões socioambientais.

Concepção Teleológica

Compreendendo o ser humano nessa perspectiva fica mais fácil definir o propósito da Ecopedagogia que é contribuir no processo de formação integral do ser humano de forma interdisciplinar, de modo que desperte progressivamente sua consciência crítica em relação a questões socioambientais e construa um compromisso ético e cuidadoso com seus semelhantes e o sistema Terra.

Portanto, tem como desafio a construção de uma sociedade, cujo cidadania seja global, percebendo o planeta como “Gaia”, um super organismo vivo, complexo e único, que precisa ser conhecido, amado e cuidado por todos aqueles que o habitam. Criar uma sociedade capaz de crer que é possível uma outra forma de ser e estar no mundo e colaborar com a superação das desigualdades, das injustiças, da exclusão, da degradação e da concepção equivocada de desenvolvimento insustentável que põem em risco toda a vida na Terra.

A Ecopedagogia, por demonstrar um compromisso político com a emancipação da sociedade, tem muito a contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva tão importante para uma mudança de paradigma que reoriente a humanidade para manutenção do patrimônio natural que ainda resta.

Concepção Metodológica

Para Ecopedagogia não há uma metodologia específica para chegar aos fins desejados. Os procedimentos e métodos devem ser pesados coletivamente e aplicados conforme as particularidades locais, no entanto, é importante dar sentido aos conteúdos trabalhados, privilegiando a interdisciplinaridade, o diálogo e o debate entre estudantes e deles com os educadores, bem como a construção coletiva, a criatividade e o desenvolvimento do senso crítico de modo que os tenham capazes de tomar decisões com responsabilidade.

Entre muitas metodologias que podem ser aplicadas, pode-se destacar *Metodologias baseadas em projetos interdisciplinares* que consistem em dinamizar o espaço escolar com atividades lúdicas para construir o conhecimento referente às questões ambientais, conhecer a nossa realidade e refletir sobre a necessidade de se preservar a biodiversidade, intervindo no real, instigando os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, indissociáveis nesse processo.

Nessa perspectiva, propõe-se realizar trabalhos de campo para perceber *in loco* os conteúdos discutidos em sala de aula, uma vez que aprende-se participando, dando sentido ao que se estuda, vivenciando segmentos, tomando decisões diante dos fatos e escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos.

Deve-se privilegiar metodologia que provoquem uma reflexão sobre o papel que o ser humano desempenha no ambiente natural e social, além da construção de valores, concepções de mundo e formas de agir que levem em consideração o sentido de complexidade, interdependência e totalidade.

Promover encontros lúdicos e práticos de interação com o meio provoca prazer. O objetivo é motivar, informar e experimentar conhecimentos teóricos através do convívio com colegas e com o mundo concreto.

Introduzir projetos práticos de Educação Ambiental nas escolas revela uma concepção inovadora e o compromisso cidadão, onde os estudantes sejam capazes “de ver o mundo não como coleção de peças isoladas, mas como um quebra-cabeça que está fundamentalmente interconectado, interdependente como uma teia onde os seres humanos são apenas um fio particular na teia da vida” (CAPRA, 1996, p. 26).

Essas três concepções precisam estar bem claras quando uma equipe se predispõe a adotar a Ecopedagogia como proposta de trabalho. Assim, aumentarão consideravelmente a probabilidade de alcançar bons resultados e ampliar seus efeitos positivos, considerando que a educação é um processo irreversível e capaz de expandir-se por gerações.

Considerações finais

Adotar a Ecopedagogia como proposta pedagógica revela um compromisso socioambiental que, por sua vez, contribui para a superação do modelo de desenvolvimento insustentável adotado pela sociedade contemporânea.

Como se trata de uma questão complexa, os desafios são inúmeros, entre eles podemos destacar a necessidade de fazer dessa crise uma oportunidade de reconstrução de nossa escala de valores e de resgate a dimensão do cuidado, tão importante para a manutenção do patrimônio biológico que ainda existe na Terra e inclusão de pessoas, comunidades, regiões e até continentes que se encontram “centrifugados” nesse processo econômico global.

Os espaços de educação formal têm muito a contribuir nesse sentido, quando adotam como princípios educativos a reflexão, o diálogo e a prática responsável por tudo aquilo que

existe e vive. Assim, exige dos estudantes e educadores, além de autonomia, um olhar sistêmico e uma postura crítica diante da realidade, associado por sua vez, a um sentimento de solidariedade e compromisso com as futuras gerações que herdarão esse Planeta.

Nessa perspectiva, não cabe mais estudar os conteúdos da matriz curricular de forma fragmentada e isolada de seu contexto imediato, necessitando dos Pedagogos e Licenciados o exercício da interdisciplinaridade, única capaz de dar conta da complexidade que envolvem as questões ambientais.

Esse novo paradigma que surge e vem ganhando força nas últimas décadas, tem desencadeado muitas ações, ainda que em pequenos núcleos e com pouca visibilidade. Isso nos permite afirmar que a mudança começou, está acontecendo e com perspectiva de se ampliar à medida que a conhecemos, acreditamos, compartilhamos experiências, divulgamos trabalhos bem sucedidos nesse campo e a adaptamos em nosso contexto.

Como se trata de uma proposta em formação, que contrasta com as antigas concepções antropológicas, teleológicas e metodológicas, a Ecopedagogia ainda tem muitos desafios a superar, sobretudo porque penetra nas fissuras do sistema competitivo, perverso e insustentável que domina os espaços educativos para questionar suas matrizes. Obviamente, esse novo modelo de conceber a educação é uma ameaça aos interesses de uma minoria que faz da educação um instrumento de alienação e formação de “marionetes” limitadas a produzir e consumir.

Finalmente, podemos concluir que, embora ainda tenha muito a construir, discutir, aprofundar e divulgar as abordagens e pressupostos da Ecopedagogia para oferecer subsídios teóricos e metodológicos aos educadores interessados nessa proposta pedagógica, acredita-se que esse trabalho pode contribuir para provocar uma reflexão e uma discussão a respeito dessa temática, estimulando pesquisas e práticas inovadoras capazes de contemplar essa dimensão.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOUREIRO, LAYARGUES, CASTRO (Org.) *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paul: Cortez, 2002
- PEUKERT, Úrsula. *Solidariedade intergeracional*. Concilium, Petrópolis, n. 2, 1996.
- PEREIRA, Franciele Guedes S. *Ecopedagogia: um modismo ou uma nova teoria da Educação Ambiental?* Anais do VII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) [recurso eletrônico], Saberes docentes: edição internacional, ISBN 978-85-7292-181-7; Anais do V Encontro Nacional sobre atendimento Escolar Hospitalar / Organizador Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau...[et al]. Curitiba: Champagnat, 2007.
- SANDES, André B. *Releitura sócio-ambiental da Serra da Jibóia: Um estudo voltado para a produção continuada de uma prática em Educação Ambiental*. Monografia (Especialização em Educação Ambiental para Sustentabilidade) – Feira de Santana, UEFS, 2003.
- SANDES, André B. *Cada dia sua magia*. (Coleção Literatura a seu alcance, v. 06). Santo Antonio de Jesus – BA: Gráfica e Editora União, 2008.
- SANTORO, Maria Amélia Franco. *Pedagogia como Ciência da Educação*. São Paulo: Papirus, 2003.